

A ENTREVISTA COMO OPERAÇÃO COMUNICACIONAL DE CONTRACONDUCTA: UM DIÁLOGO COM MICHEL FOUCAULT¹

THE INTERVIEW AS A COMMUNICATIVE OPERATION OF COUNTER-CONDUCT: A DIALOGUE WITH MICHEL FOUCAULT

LA ENTREVISTA COMO OPERACIÓN COMUNICATIVA DE CONTRACONDUCTA: UN DIÁLOGO CON MICHEL FOUCAULT

Laura Adler Lara de Oliveira²
lauraadlerlaradeoliveira@gmail.com

Ângela Cristina Salgueiro Marques³
angelasalgueiro@gmail.com

RESUMO

O artigo tem como objetivo refletir acerca da maneira como as pesquisadoras feministas Margareth Rago (2013), Mariléa de Almeida (2022), Sueli Carneiro (2023) e Carolina Ramkrapes (2017) se apropriam de conceitos de Michel Foucault para elaborarem desenhos metodológicos que evidenciem insurgências e contracondutas. A entrevista é utilizada pelas autoras como método que potencialmente permite a criação de espacialidades e experiências heterotópicas voltadas à coragem de dizer a verdade, à valorização da ética da amizade e à autodefinição pela valorização de saberes corporificados sobre os quais os sujeitos constroem as bases de sua autonomia e as rotas que valorizam a responsabilidade e o cuidado como prática de transformação de si das relações de interdependência com os outros.

Palavras-chave: Entrevistas. Contracondutas. Heterotopias. Foucault.

¹ A elaboração deste artigo contou com o apoio do CNPq e da CAPES.

² Mestranda em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG.

³ Doutora em Comunicação Social pela UFMG e Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG.

ABSTRACT

This article aims to reflect on how feminist researchers Margareth Rago (2013), Mariléa de Almeida (2022), Sueli Carneiro (2023), and Carolina Ramkrapes (2017) appropriate Michel Foucault's concepts to develop methodological designs that highlight insurgencies and counter-conducts. The interview is used by the authors as a method that potentially allows the creation of heterotopic spatialities and experiences focused on the courage to tell the truth, the valorization of the ethics of friendship, and self-definition through the valorization of embodied knowledge upon which subjects build the foundations of their autonomy and the paths that value responsibility and care as a practice of self-transformation in interdependent relationships with others.

Keywords: Interviews. Counter-conducts. Heterotopias. Foucault.

RESUMEN

Este artículo reflexiona sobre cómo las investigadoras feministas Margareth Rago (2013), Mariléa de Almeida (2022), Sueli Carneiro (2023) y Carolina Ramkrapes (2017) se apropian de los conceptos de Michel Foucault para desarrollar diseños metodológicos que resaltan las insurgencias y las contraconductas. Las autoras utilizan la entrevista como un método que permite la creación de espacialidades heterotópicas y experiencias centradas en la valentía de decir la verdad, la valoración de la ética de la amistad y la autodefinición mediante la valoración del saber encarnado, sobre el cual los sujetos construyen los fundamentos de su autonomía y los caminos que valoran la responsabilidad y el cuidado como práctica de autotransformación en relaciones interdependientes con los demás.

Palabras clave: Entrevistas. Contraconductas. Heterotopías. Foucault.

1 INTRODUÇÃO

Em trabalhos que trazem desenhos metodológicos baseados em entrevistas com mulheres, autoras como Margareth Rago (2013), Mariléa de Almeida (2022), Sueli Carneiro (2023) e Carolina Ramkrapes (2017) se inspiraram na leitura crítica feminista do trabalho de Michel Foucault (1984, 1997, 2004) para, no contexto comunicacional da entrevista, construir um encontro ético capaz de produzir experiências de cuidado e emancipação. Escolhemos analisar os trabalhos feitos por essas autoras brasileiras por entendermos que suas contribuições trazem ao campo da Comunicação uma oportunidade de refletir acerca de como o episódio interacional gerado no encontro ético das entrevistas pode nos oferecer a chance de investigar as condições de emergência de contracondutas articuladas à potência poética da reciprocidade da troca intersubjetiva. Essas autoras, ao dialogarem com o pensamento foucaultiano que valoriza as práticas de liberdade e as técnicas de cuidado de si e de outras mulheres, desenvolveram abordagens de pesquisa que privilegiam a relação comunicacional situada da entrevista enquanto processo capaz de auxiliar na criação de autodefinições, agências autônomas e transformações do imaginário político.

O objetivo deste artigo é evidenciar como o trabalho das autoras acima mencionadas busca inspiração no trabalho de Foucault de modo a construir quadros teóricos e analíticos de pesquisa que valorizam o método das entrevistas como prática emancipatória e transformadora, cujo objetivo não é revelar o indivíduo e suas verdades, mas configurar espaços de experimentação nos quais emergem relatos que enfatizam o cuidado, a amizade, a autoafirmação e a solidariedade. Escolhemos as pesquisas desenvolvidas por essas autoras uma vez que consideramos a importância que elas conferem à situação comunicacional criada a partir da entrevista. Seja privilegiando a escuta atenta, a hospitalidade, o cuidado na concepção do espaço de trocas, seja evidenciando a operação reflexiva capaz de redefinir a posição subjetiva dos interlocutores. Essas autoras convidam as entrevistadas e entrevistados a revisitarem e redefinirem narrativamente acontecimentos passados que instituem suas trajetórias e experiências, possibilitando a partilha comunicativa de conhecimentos que fundam

modos de existir e de conduzir vidas que contrariam normas, convenções e dispositivos de controle.

Por isso, escolhemos uma obra de cada autora, considerando a presença explícita de uma reflexão metodológica que partisse do diálogo com Foucault e resultasse em uma apropriação original e cujos procedimentos de realização das entrevistas e de análise dos relatos obtidos demonstrassem aspectos de luta contra opressões e violências sociais ligadas a gênero, classe e raça. Além disso, nos interessavam análises que ressaltassem as contracondutas elaboradas pelas entrevistadas e entrevistados, como forma não só de resistência, mas de transformação de suas trajetórias.

Compreendemos a entrevista enquanto situação interacional que aciona operações comunicativas a partir do momento em que gera episódios singulares de trocas e partilhas, nas quais os sujeitos envolvidos se interpelam reciprocamente e produzem juntos, saberes, narrativas, memórias e experiências que não estavam dadas de antemão. Nos inspira a reflexão feita por José Luiz Braga (2018), quando define, em diálogo com Foucault, tais episódios singulares como dispositivos interacionais, nos quais as interações podem reorganizar e redefinir elementos espaciais, temporais, conversacionais e materiais que orientam as condutas e a experimentação individual e coletiva dos agentes. Uma entrevista, poderia, assim, configurar episódios interacionais nos quais arranjos disposicionais revelam a complexidade de elementos imbricados em uma prática comunicativa situada.

É importante dizer que, para Braga (2018), um episódio interacional não está dado de antemão, mas se define a partir das negociações que os sujeitos travam entre si e com as normas que agem sobre eles. Por mais que um pesquisador possa projetar o roteiro de uma entrevista, as operações comunicacionais necessárias para realizá-la estão vulneráveis ao jogo interacional no qual ajustes e reajustes tentativos são feitos a todo instante. Assim, o episódio situado de uma entrevista gera arranjos e rearranjos entre diversos elementos que escapam ao pretense controle almejado pelo pesquisador. Em diálogo com Foucault (1997, 2004), Braga nos ajuda a pensar a entrevista sob um olhar comunicacional, privilegiando práticas intersubjetivas de transformação de condutas como a chave para redefinir não apenas as dimensões da agência subjetiva, mas também das ações sociais e institucionais que organizam a vida em comum.

A maneira como como Margareth Rago (2013), Mariléa de Almeida (2022), Carolina Ramkrapes (2017) e Sueli Carneiro (2023) elaboram procedimentos metodológicos guiados pela realização de entrevistas nos interessa, porque elas compreendem como a produção de relatos está situada historicamente e consideram não apenas dimensões da experiência subjetiva dos entrevistados, mas também como essa experiência se interconecta com estruturas sociais, instituições e vínculos de interdependência capazes de reconfigurar condições de vulnerabilidade e alternativas que possam ampliar a elaboração de escolhas mais condizentes com as formas de vida em jogo. Amparadas pela maneira como Foucault (2004) articula o processo de formação das subjetividades como experiências que transformam os indivíduos, suas redes de relações situadas e a maneira comprometem com a prática da verdade, as autoras mencionadas criam metodologias nas quais a entrevista atua como arranjo potencialmente emancipador, amparado por um contexto de interlocução propício ao questionamento de modelos hegemônicos de constrangimento das formas de vida. Assim, elas evidenciam que as entrevistas nos oferecem não apenas uma oportunidade de acolher experiências singulares, mas também de conhecer as dimensões e dispositivos institucionais que constroem e orientam tais experiências, ou que oferecem margem de manobra para resistências.

Segundo as autoras aqui analisadas, a contribuição de Foucault (1984, 2004) é, sob uma perspectiva feminista, central para compreender as entrevistas como contexto no qual podem ser acionadas técnicas de resistência que expressam a recusa a um determinado “modo de ser” e de viver imposto hierarquicamente: elas produzem uma experiência que requer o questionamento “do estatuto de sujeito no qual nos encontramos” (Foucault, 2019, p.35). Essa recusa requer a construção de um “sujeito de saber e de experiência”.

É importante mencionar desde já que as metodologias presentes nos trabalhos de Margareth Rago (2013), Mariléa de Almeida (2022), Carolina Ramkrapes (2017) e Sueli Carneiro (2023) adotam a prática da entrevista não para recuperar uma suposta verdade oculta das experiências de vida das pessoas que entrevistam, nem tampouco para decifrar identidades essencializadas, mas sim para destacar, em suas produções narrativas, o processo singular e coletivo de “fabricação de uma experiência e a

historicidade dos modos de produção e transformação de subjetividades” (Ionta, 2016, p.155). O intuito é compreender a elaboração de modos de vida individuais e coletivos que são orientados pela reinvenção constante de táticas, poéticas e alianças políticas direcionadas à promoção de autonomia, liberdade e emancipação.

Ao lermos os trabalhos dessas autoras, percebemos que as entrevistas configuram percursos investigativos que compõem metodologias comunicacionais interessadas fortemente em revelar como os sujeitos entrevistados elaboram criativamente outras possibilidades de configurar suas existências, saberes e experiências, para além de campos já definidos por dispositivos de controle. Para Foucault (2003, 2009), a construção do conhecimento deriva não dos interesses localizados de agentes e instituições, mas do contato recíproco e das elaborações que podem ser tecidas a partir da mútua problematização posta em prática no contexto histórico e social da pesquisa (Gutting, 2002).

Segundo Wendy Bastalich (2009), desenhos de pesquisa com inspiração foucaultiana voltados para a realização de entrevistas não se preocupam em buscar vozes autênticas, mas em evidenciar os perigos éticos e políticos que derivam de representações que organizam as interfaces entre corpos, práticas e conhecimentos. Bastalich salienta que a dimensão relacional das experiências auxilia a modelar um percurso metodológico no qual a entrevista não visa extrair do sujeito suas intenções, desejos e marcas de pertencimento, mas quais os sentidos culturais, políticos e institucionais conferem sentido às suas experiências, privilegiando uma história das práticas e ações que alimentam articulações discursivas específicas com as trajetórias vividas. Nesse âmbito, a tarefa ética do pesquisador-entrevistador consiste em resistir às formas de autoridade epistêmica investidas na prática de pesquisa com sujeitos. A prática ética, em vez de reproduzir a cultura hegemônica e colonizar a diferença por meio de análises sociais que governam os outros ao definirem suas liberdades, procura mapear a história das relações entre corpos, práticas e conhecimento (Foucault, 1984).

Diante dessas considerações, nas seções que se seguem apresentaremos, em um primeiro momento, a forma como Margareth Rago e Carolina Ramkrapes elaboram um desenho de pesquisa que visa compreender como, no contexto de entrevistas realizadas com mulheres militantes de movimentos feministas, torna-se possível construir

narrativas de si que revelam saberes e artes produtoras de contracondutas. Veremos como Rago e Ramkrapes dialogam com Foucault (2004) ao definirem as contracondutas como táticas de resistência que remodelam a experiência de modo a estabelecer outros procedimentos, regras e modelos de orientação para a própria vida, considerada em teias de relações. Na segunda seção do texto, apresentamos como Mariléa de Almeida e Sueli Carneiro se apropriam do conceito de dispositivo em Foucault para construir um percurso crítico de análise que questiona o apagamento de saberes e conhecimentos, a invisibilização de corpos negros e de suas formas de existência, a imposição de quadros hierárquicos de interpretação da validade das vidas negras, reivindicando a produção de experiências heterotópicas que questionam verdades naturalizadas e seus efeitos de poder, ao mesmo tempo em que questionam as relações de poder estabilizadas por discursos que se pretendem guardiões de verdades cristalizadas. Por fim, amparadas por essas autoras, oferecemos uma possibilidade de compreender a entrevista como fonte de experiência heterotópica, através da qual os interlocutores tematizam o quanto a relação com verdades predefinidas afetam as interações que possuem consigo e com os outros, o sentido de suas condutas e as normas que as moldam.

2 A PRODUÇÃO ATIVA DE CONTRACONDUTAS NOS CONTEXTOS RELACIONAIS DE ENTREVISTA

No início dos anos 1970, quando Foucault e seus colegas Jean-Marie Domenach e Pierre Vidal-Naquet lançaram a primeira pesquisa do Grupo de Informação sobre as Prisões (GIP)⁴, ele e sua equipe distribuíram questionários aos familiares dos detentos enquanto estes aguardavam na fila o momento das visitas. Assim, ao entrarem em contato com os presos, cada familiar se tornava um entrevistador em potencial, tendo a chance de discutir as condições, formas de tratamento e violências que imperavam no ambiente carcerário. As entrevistas, feitas com todos os constrangimentos típicos da vigilância prisional, produziram respostas que foram partilhadas entre familiares,

⁴ O objetivo dos inquéritos do GIP era ouvir as experiências dos presos acerca da prisão, abrindo espaço para fazer circular suas narrativas e demandas, gerando conhecimento compartilhado e colocando em contato detentos, ex-detentos, familiares de prisioneiros, advogados, médicos, militantes. Através de contatos feitos por telefone e por cartas, várias pessoas se disponibilizaram a participar dos inquéritos e a sistematizar conhecimentos e saberes que já existiam, mas ainda não circulavam amplamente (Foucault, 2025).

detentos, advogados, médicos, militantes e jornalistas. Os saberes individuais se tornavam saberes coletivos políticos, capazes de orientar contracondutas e táticas de ação contra a repressão institucional. “Na fila, as pessoas discutiam, mesmo antes de nossa chegada, sobre as perguntas do questionário, sobre o escândalo das prisões” (Foucault, 2025, p.7). Os questionários tinham sido redigidos junto com antigos detentos e foi sendo modificado a partir das primeiras respostas, que traziam aspectos do cotidiano das prisões.

E no final da década de 1970, Foucault visitou o Irã duas vezes, para escrever acerca das revoltas populares que reivindicavam outra forma de vida. A partir de encontros e entrevistas realizadas com autoridades políticas, estudantes, trabalhadores e membros do movimento revolucionário, Foucault (2019)⁵ escreveu uma “Reportagem de ideias” para o jornal *Corriere della Sera*, onde tentava compreender as manifestações que conduziram à revolução Islâmica em 1979. A revista *Le Nouvel Observateur* também publicou um artigo de Foucault (“Com o que sonham os iranianos?”) em 1978, onde ele trazia reflexões derivadas das entrevistas que havia feito com diferentes pessoas em Teerã.

Assim, sabemos que Foucault utilizou a entrevista como método de seu trabalho como jornalista na revolução iraniana e como ativista do GIP. Porém, nosso interesse neste artigo não é pela maneira como Foucault se apropriou da entrevista em sua prática intelectual e profissional, mas pela forma como pesquisadoras feministas brasileiras utilizam o pensamento foucaultiano para compor desenhos metodológicos nos quais as entrevistas são fonte de experiências interseccionais transformadoras e de técnicas de cuidado que produzem contracondutas.

Margareth Rago (2013) trabalha com relatos de experiências derivados da realização de entrevistas com mulheres, permitindo momentos em que possam falar de si, compartilhando seus traumas e vivências. De acordo com ela, a entrevista pode ser utilizada como uma ferramenta para “reinvenção de si e da relação com o outro” (Rago, 2013, p. 26), já que promove interações nas quais pode ocorrer a desconstrução e redefinição de pressupostos e ordens vigentes.

⁵ Foucault (2019) explicita em diferentes entrevistas os motivos de suas visitas ao Irã e fala sobre seus encontros com diferentes pessoas na cidade de Teerã para a escrita de artigos jornalísticos capazes de mostrar as diferentes motivações que alimentavam a singularidade da luta dos iranianos.

A entrevista, na leitura que Rago faz de Foucault, permite a textualização da experiência de mulheres, conduzindo-as em práticas de contraconduta, nas quais a escuta e o diálogo promovem escritas de si elaboradas em conversas que favorecem a tematização de matrizes simbólicas de opressão, a valorização do vivido, a confiança e a abertura de outros modos de pensar e agir. Foucault (1984, 2004), em sua teoria sobre as práticas de cuidado, compreende a importância da coragem de falar a verdade (ou *parrhesia*) como um ato que expõe quem diz e pode colocar o sujeito em perigo. Mas, passada essa barreira, também pode causar um poder libertário, alimentando contracondutas.

Margareth Rago (2013) define, a partir de Foucault (2004) as contracondutas como parte de um gesto de recusa às subjetividades projetadas de antemão para facilitar a organização dos comportamentos sociais, alimentadas por saberes e conhecimentos resultantes de experimentações e desvios. É por meio dessa recusa que um sujeito reflexivo reconfigura sua individualidade e sua relacionalidade contextual, modelando, com a ajuda de outros, sua própria existência. Assim, contracondutas são as “experiências intensas, miúdas e constantes de invenção outros modos de pensar, agir e existir em prol da autonomia, da reconstrução do sujeito e de sua rede de relações” (Rago, 2013, p.28).

Diante dessas considerações, nos inspiramos na afirmação de Rago, segundo a qual nas entrevistas e conversas entre mulheres “elas desfazem as linhas da continuidade histórica, questionam as identidades construídas e constituem-se relacionalmente como sujeitos múltiplos” (2013, p.32). A situação da entrevista permite a abertura de um espaço de jogo no qual o trabalho está em relacionar várias experiências, compartilhar saberes e histórias, visando a transformação de imaginários e modos de ação.

A autora realizou sete entrevistas com feministas históricas, que enfrentaram, cada uma a seu modo, a ditadura militar no Brasil, reinventando a si mesmas por meio do gesto de rememorar, nas conversas com Rago, fatos passados para criar no presente “um espaço subjetivo e intersubjetivo próprio, como abrigo para instalarem-se e organizarem suas vidas” (2013, p.141). A conversa e a escuta proporcionada pelas entrevistas desafiaram a “tecnologia política de controle narcísica e trazendo confiança

em suas vivências e saberes, que são valorizadas a despeito do sentimento de vergonha socialmente imposto para menosprezar os saberes do corpo” (Rago, 2013, p.29).

A situação relacional da entrevista pode compor uma técnica de cuidado de si e dos outros, tecendo formas de comunicação, de experimentação e de responsabilidade que requerem uma receptividade particular para os desejos do corpo e dos prazeres da existência. Assim, se considerarmos a entrevista como potencial espaço de prática de liberdade (Foucault, 2004) e interdependência, é possível indicar sua chance de oportunizar táticas capazes de modificar condições de vulnerabilidade, incluindo condições institucionais (Ionta, 2016, 2017).

O trabalho hospitaleiro da escuta e a responsabilidade ética assumida diante das narrativas tecidas juntas também guiam a pesquisa desenvolvida por Carolina Ramkrapes (2017), que utilizou entrevistas para criar um contexto de diálogo capaz de acolher as narrativas de si elaboradas por três mulheres que atuaram na história do movimento feminista no Ceará. Inspirada pelos conceitos de Foucault como amizade, parresia e cuidados de si, Ramkrapes busca analisar as narrativas de suas entrevistadas avaliando como elas definem suas experiências de sororidade, coragem e insubmissão. A autora dialoga com Margareth Rago (2013), Margareth McLaren (2016) e Tania Swain (2016), buscando definir as artes feministas da existência, que se expressam via criação de novas subjetividades éticas e livres, sensíveis e solidárias. Por isso, as entrevistas, realizadas separadamente, evidenciam a produção de condições situadas para mulheres narrarem a si mesmas, sentindo-se à vontade para expor temas e examiná-los com cuidado. O objetivo era entender como as entrevistadas criaram contracondutas a partir de suas trajetórias políticas de luta política no movimento feminista do Ceará.

Ramkrapes (2017) avalia a maneira como as entrevistadas identificam em sua trajetória uma solidariedade revolucionária, resultante das “amizades que não puderam ser mantidas diante da clandestinidade, das mudanças de endereço, mas que deixaram em sua narrativa marcas profundas, como referências de uma sociabilidade mais livre e humana” (2017, p.54). É importante destacar que a experiência da amizade como evento político, para Foucault (1997, p.136), articula afetos, põe em movimento “alianças que traçam linhas de força imprevistas (...) que instauram um curto-circuito e introduzem o

amor onde deveria haver a lei, a regra ou o hábito”. Inspirada pela reflexão de Foucault (1997) acerca da amizade, Marilda Ionta (2016, 2017) valoriza a maneira como as práticas relacionais de cuidado de si e dos outros nas entrevistas podem dar origem a configurações moventes de lugares de identificação que contribuem para práticas emancipatórias que recusam rótulos que destituem os sujeitos de agência e poder de decisão.

A partir das situações de entrevista com mulheres do movimento feminista no Ceará, Ramkrapes (2017) mostra como, nas próprias entrevistas, as mulheres se dedicavam a dizer e viver a própria verdade, colocando em prática o conceito de “parresia” (a coragem da verdade), tal como formulado por Foucault (1984, 2004). Segundo a leitura feminista que Margaret McLaren (2016) faz dessa noção, a parresia expressa um processo de autoconstituição ativa dos sujeitos, configurando um ato político que revela sob quais condições se pode falar a verdade, quais consequências essa exposição acarreta e quais impactos promove em relações de poder já estabelecidas. Sob esse viés, é possível indicar que a pesquisa de Ramkrapes revela como a situação de entrevista pode promover uma oportunidade de autoavaliação em que a confiança gerada no vínculo entre entrevistadora e entrevistadas gera um espaço propício à parresia, à formulação de enunciados verdadeiros, situados, que alimentam um exame de experiências e contribuem para uma prática de transformação. Por isso, a parresia é uma prática de si “que constitui o eu com a ajuda de um outro, em um contexto político e ético de problematização e mudança de condições que asseguram a inteligibilidade da narrativa” (McLaren, 2016, p.202).

A preocupação aqui é identificar, na situação da entrevista, a maneira como as entrevistadas nomeiam modelos de comportamento e conduta que configuram discursos de verdade tidos como naturalizados, contrapondo-se a eles. O exame das normas que agem na construção subjetiva envolve definir o tipo de experiência que o sujeito entrevistado faz de si mesmo e de sua interação com os outros quando questiona algo que era considerado uma verdade, mas que, em exame crítico, se revela parte de um quadro que limita a experiência e as alternativas de conduta. Assim, a relação com a verdade enunciada afeta a relação que o sujeito mantém consigo e com os outros.

No caso da pesquisa de Ramkrapes (2017), as entrevistadas relataram como recusaram referências impostas de agência, em prol da experimentação das próprias ideias e planos de conduta. Aqui, a prática da liberdade (Foucault, 2004) não opera fora das normas e enquadramentos que definem as formas de vida possíveis que um sujeito pode assumir (Fonseca, 2003). Contudo, a normatividade não permanece invulnerável frente ao que Foucault (2013) define como “criação de si”, ou seja, um trabalho constante e crítico de redefinição de quem somos diante da recusa da identidade que nos é socialmente imposta pelos discursos (Swain, 2016; Duarte; Cesar, 2016). Esse, segundo Ramkrapes (2017, p.55) é “um projeto compartilhado de transformação de si que impacta no tratamento das injustiças, desigualdades, misoginias e hierarquias que nos subjugam e sujeitam”.

Na seção seguinte, exploraremos como duas pesquisadoras negras partem da abordagem que Foucault (1984) confere às técnicas de si e à experiência transformadora (2019), criando arranjos teórico-metodológicos interseccionais que conduzem a prática da entrevista como método capaz de originar contracondutas.

3 ENTREVISTAS COMO A CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS HETEROTÓPICOS DE INTERAÇÃO

Mariléa de Almeida (2022) e Sueli Carneiro (2023) se dedicaram a elaborar pesquisas que partem de conceitos definidos por Foucault, mas que vão além, preocupando-se com a identificação de matrizes culturais e políticas que interferem na composição de um dispositivo de racialidade no contexto brasileiro. Segundo elas, o dispositivo de racialidade pode ser compreendido a partir de uma definição relacional do racismo, ou seja, a atualização constante de práticas discursivas e não discursivas que avaliam, caracterizam e fabricam os corpos que serão valorizados e aqueles que serão excluídos. Esse dispositivo também abrange “um conjunto de práticas racistas que não apenas dificultam o acesso à educação, mas também promovem a desvalorização de saberes construídos por mulheres negras e homens negros” (Almeida, 2022, p.85).

A partir do interesse de identificar as práticas de resistência que contrariam os arranjos violentos do dispositivo de racialidade, Mariléa de Almeida (2022) realizou entrevistas com quarenta e oito mulheres pertencentes a dezessete comunidades

quilombolas do Rio de Janeiro entre os anos de 2016 e 2017, caracterizadas por ela, em sua maioria como “mulheres negras cisgênero, de idades, formações acadêmicas, filiações políticas e práticas religiosas diferentes” (2022, p.25). A maneira como essa pesquisadora elaborou seu desenho metodológico recupera a contribuição de Rago (2013) para se apropriar de como Foucault (2009) olha para ações de insubordinação e resistência a partir de contracondutas modeladas por mulheres quilombolas, em sua busca pela criação e manutenção de laços de solidariedade e partilha capazes de valorizar os saberes corporificados ancestrais que compõem a base afetiva e epistêmica das comunidades.

As entrevistas realizadas revelam narrativas de mulheres que lutam contra o que Mariléa de Almeida chama de “dispositivo da ancestralidade”, ou seja, estratégias que esvaziam a “potencialidade dos usos das tradições ancestrais para realizar transformações no presente” (2022, p.88). A exotização e a folclorização dos saberes guardados e partilhados por mulheres quilombolas integra o dispositivo que a autora identifica para tematizar o racismo, o sexismo e o preconceito sofrido pelas mulheres quilombolas entrevistadas. Assim, a partir das considerações de Foucault e de Sueli Carneiro (2023), Mariléa de Almeida propõe o conceito de “governamentalidade racista” (2022, p.35), enfatizando a burocratização do acesso à terra, as constantes ameaças de confiscação e invasão dos territórios quilombolas, a exotização imposta por imagens de controle e representações essencializantes, e o epistemicídio.

A valorização das experiências transformadoras e da potência da ancestralidade são aspectos que norteiam os relatos produzidos nas entrevistas realizadas por Mariléa de Almeida. As entrevistas revelaram a importância do trabalho feminino na criação de espaços outros de subjetivação, de transmissão de saberes e de transformação individual e coletiva. Os relatos expressaram como as entrevistadas descrevem as táticas por meio das quais ocupam o território de forma potente e entrelaçada aos conhecimentos religiosos, pedagógicos, alimentares e curativos que são partilhados juntamente com táticas de proteção contra o machismo, a violência e a agressão externa em momentos de confrontos.

A análise das entrevistas traz uma reflexão original e importante acerca da criação de “territórios de afeto” (Almeida, 2022, p.39), isto é, territórios em que a ação

política das mulheres atua na redefinição constante de espaços relacionais de interdependência que associam as materialidades dos lugares com a multiplicidade de sentidos, temporalidades, saberes e imaginários mobilizados no cotidiano. Sob esse aspecto, as mulheres quilombolas produzem heterotopias, ou seja, espaços criados para partilhar saberes e narrativas longe dos aparatos de captura e extermínio, e para ensaiar experiências transformadoras, inauguradas pela elaboração de narrativas de autodefinição como recusa a identidades impostas. As heterotopias do quilombo “são simultaneamente subjetivas e coletivas, e colaboram para a reparação das lesões e cicatrizes, mobilizando ações potentes no presente, em direção a um devir feminino, relacional e comunitário” (Almeida, 2022, p.346).

Conforme indica Foucault (1986), heterotopias não estão separadas da sociedade; são “incrustadas” em todas as culturas e espelham, distorcem, reagem ao espaço remanescente. Elas são historicamente localizadas e sofrem mutações em diferentes períodos, abrindo limiares fora da vigilância e da docilização, sem perder o contato com eles (Johnson, 2013). Ao mesmo tempo, heterotopias criam um espaço possível de existência e coabitação a partir de operações comprometidas com as práticas de liberdade. “A heterotopia define, no sentido forte deste termo, uma experiência de contraconduta, ou seja, de recusa da identidade imposta e de sua permanência” (Foucault, 2019, p. 35). Sob essa perspectiva, uma heterotopia concerne à expressão da interlocução de dois lugares (não necessariamente físicos), postos no mesmo espaço simbólico, sem perder o contato um com o outro, mas oferecendo uma margem de manobra para experimentações que criam outros tipos possíveis de abordagem para o cuidado de si mesmo e dos outros.

Mariléa de Almeida (2022), através das interações ocorridas ao longo das entrevistas, mostra como as vidas de mulheres quilombolas são constantemente redefinidas diante de múltiplas forças de poder e criação. Seu trabalho nos permite abordar a heterotopia como uma forma de experiência transformadora sob dois aspectos: aquele que destaca a situação de entrevista como espaço que ativa um jogo de relações heterogêneas e tentes entre temporalidades e narrativas coexistentes; e aquele que ressalta a força dos saberes corporificados de mulheres quilombolas para protegerem seus territórios e seus corpos individuais e coletivos.

Ao mesmo tempo, acreditamos também que o “jogo parresiástico” (Almeida, 2022, p.233) que aconteceu nas entrevistas realizadas por Mariléa de Almeida conduziu a uma experiência heterotópica que configura o espaço interacional da entrevista como território de afetos, possibilitando também a composição de práticas de liberdade, movidas pela criação de arranjos, pela combinação de elementos, gerando novos efeitos, experiências, aberturas e perigos; configurando uma rede de cuidado mútuo e indicando a possibilidade de novas alianças. As “alianças heterotópicas” (Johnson, 2013, p. 800) que podem ser estabelecidas no contexto da entrevista são mais lúdicas e experimentais em sua força política, desafiando o utilitarismo neoliberal a partir de gambiarras que abrem brechas para outro imaginário político.

Como mencionamos, o trabalho de Mariléa de Almeida buscou elementos na pesquisa de Sueli Carneiro (2023), que tinha como um de seus objetivos, realizar entrevistas com quatro lideranças negras do movimento antirracista no Brasil, duas mulheres e dois homens de destacada produção intelectual e cultural, a fim de compreender suas práticas de resistência contra o epistemicídio acionado pelo dispositivo de racialidade. De acordo com Sueli Carneiro, sua pesquisa tinha como intuito central evidenciar como a racialidade se constitui de modo “relacional e social, emergindo da interação entre grupos racialmente demarcados sob os quais pesam concepções histórica e culturalmente construídas sobre a diversidade humana” (2023, p.22). A interdição de saberes, poderes e subjetividades negras foram tematizadas nos testemunhos partilhados nas entrevistas realizadas por Sueli Carneiro e, em contraponto, foram também articuladas narrativas de autoestima, reconhecimento, autonomia e ações coletivas que ativam a articulação entre as artes do cuidado de si e dos outros. A situação de entrevista favoreceu o gesto testemunhal dos entrevistados, tomados por Sueli Carneiro como “sobreviventes e portadores de uma contra-história na qual se ressignificam e se deslocam os assujeitamentos, estigmas e estereótipos promovidos pela escravização e pelos processos posteriores de exclusão social” (2023, p.143).

Ela explica que o objetivo do desenho metodológico construído não foi meramente encontrar e categorizar os principais temas que emergem nas entrevistas, nem tampouco transformar “intelectuais negros insurgentes em meras fontes primárias de pesquisa” (Carneiro, 2023, p.141). O percurso empreendido pelos jogos

parresiásticos zelou pelo respeito aos entrevistados como autoridades do saber sobre si mesmos e pelo gesto político de mapear as condições que definem a produção dos testemunhos e a maneira como eles tematizam suas insurgências contra a necropolítica e os assujeitamentos derivados dos processos coloniais de escravização. Os testemunhos revelaram a

[...] resistência aprendida na voz de alguns sujeitos que encarnam com suas vidas uma memória ancestral, o processo tortuoso de construção da identidade, os enfrentamentos com o racismo e a discriminação, a tomada de consciência individual e a dimensão política e coletiva desse processo, a construção da crítica e da autonomia de ação e pensamento em relação aos efeitos de poder e saber produzidos pelo dispositivo (Carneiro, 2023, p.139).

É importante destacar como a situação relacional da entrevista configura um potencial espaço heterotópico no qual os laços de confiança entre entrevistadora e entrevistados estimulam a coragem de elaborar e expressar testemunhos que dizem das tentativas de afirmar uma capacidade de autonomia diante de dispositivos de racialidade que desvalorizam a força da comunidade, em detrimento da exaltação da meritocracia, do individualismo, do apagamento do eros e do ódio à diferença. Os testemunhos das e dos intelectuais negras e negros que partilharam suas lutas com Sueli Carneiro trazem as potências da autovalorização, os devires transformadores da emancipação, a potência da memória coletiva e a alegria das experimentações que fraturam discursos hegemônicos e fazem brotar a beleza nos intervalos das verdades estilhaçadas.

4 A CONSTRUÇÃO DA AUTODEFINIÇÃO RELACIONAL VIA EXPERIMENTAÇÃO EM ENTREVISTAS

Nos inspiramos nas propostas metodológicas de Rago (2013), Almeida (2022), Ramkrapes (2017) e Carneiro (2023) para elaborar uma proposta metodológica que pode guiar pesquisas que utilizam entrevistas a partir de interfaces com as práticas de resistência indicadas por Foucault e operacionalizadas por recortes feministas. As autoras mencionadas nas seções acima mostram como a reflexividade da conversação entre mulheres na situação de entrevista não apenas as orienta a como definir e expressar suas histórias e experiências, mas oferece a oportunidade de elaborar e partilhar relatos de si repletos de pistas de como criar juntas outras possibilidades de

significação de trajetórias e lutas. A situação da entrevista promove uma compreensão do relato como prática ética de responsabilidade, de sustentação para a definição de uma forma de vida e para a transformação das condições de vulnerabilidade. Acreditamos que a entrevista é uma prática transformadora de si capaz não apenas de nos auxiliar a identificar experiências heterotópicas, como também de promovê-las.

Na entrevista, a prática interacional de construção do relato pode oferecer elementos para a “invenção de novos modos de existência, construídos a partir de outras relações de si para consigo e para com o outro, capazes de escapar às tecnologias do dispositivo biopolítico de controle individual e coletivo” (Rago, 2013, p.42). Sob esse aspecto, entendemos que o espaço discursivo e comunicacional das entrevistas pode não apenas acionar técnicas de si, mas também ser uma fonte promissora de experiências heterotópicas. Compartilhar experiências é uma forma de identificação e desconstrução constantes, oferecendo outras possibilidades de autodefinição a quem fala, ao mesmo tempo em que permite a abertura de intervalos para quem ouve poder se entender como um sujeito político, investindo em uma prática transformadora. Assim, entende-se que esse processo de experimentação não apenas rompe com silenciamentos historicamente impostos, mas também inaugura novos modos de existência, em que narrar-se torna-se uma ação ética e política de resistência e reinvenção de si (Swain, 2016; Ionta, 2017).

A experiência heterotópica, identificada a partir de sua transformação em relatos partilháveis em momentos de entrevista, por exemplo, dá a ver uma trajetória individual ou coletiva, que se articula com um dado espaço social e histórico, evidenciando quais institucionalidades e regras constroem a agência dos sujeitos e como eles as desafiam. A entrevista é pensada como experiência comunicacional situada, em que os relatos formulados e partilhados interferem nos esquemas de inteligibilidade que definem quem fala, o que fala e para quem se fala. Tal experiência permite mapear as condições que definem se, e como, mulheres, em seus relatos, articulam a criação de experiências que se aproximam ou se afastam da tarefa de produzir contracondutas.

A partir da análise do registro das interações ocorridas no contexto de realização das entrevistas feitas por Rago (2013), Almeida (2022), Ramkrapes (2017) e Carneiro (2023) e das narrativas e relatos por elas geradas, acreditamos que as condições de elaboração dos relatos foram influenciadas por três dimensões articuladas:

espacialidades heterotópicas, experiências heterotópicas e formação de contracondutas. Tais dimensões podem se configurar como eixos estruturadores de desenhos metodológicos que se inspiram na apropriação feminista dos conceitos de Foucault, servindo-se das entrevistas como espaços e experiências comunicacionais de transformação.

- a) Espacialidades heterotópicas: este eixo de análise foi formulado a partir das reflexões do trabalho de Mariléa de Almeida e Carolina Ramkrapes e tem como objetivo avaliar como as interações recíprocas permitem a utilização de conhecimentos e criação de novas abordagens visando a autonomia. Há momentos para a reflexão constante sobre práticas empregadas, modos de gerir as condutas e as ações? É possível identificar relações de amizade? O ambiente favorece a escuta hospitaleira e recíproca durante as entrevistas? O espaço é percebido como composto por relações e redes de interdependência?
- b) Experiências heterotópicas: este eixo de análise busca avaliar, a partir das contribuições de Margareth Rago e Sueli Carneiro, em quais momentos e situações é possível tematizar aspectos que tematizam o processo de redefinição da própria história, de negociação com regras sociais e institucionais. Tenta verificar se seria possível conversar sobre as matrizes sócio-históricas de opressão e articulá-las com vivências subjetivas e intersubjetivas. Qual a relação que tais relatos pode ter com processos de transformação e emancipação? Na entrevista ocorrem momentos em que pesquisadora e entrevistadas sentem segurança para compartilhar relatos de autodefinição e de questionamento de opressões?
- c) Formação de contracondutas: esse eixo analítico deriva das contribuições dos desenhos metodológicos criados por Margareth Rago, Carolina Ramkrapes, Mariléa de Almeida e Sueli Carneiro, uma vez que todas tentam observar se há ocasiões propícias (na trajetória de vida da pessoa entrevistada e no contexto da entrevista) para reconfigurar condutas, criar novas condições de escolha, ampliar a rede de apoio ou mesmo construir parcerias que redefinam processos de autonomia política e de cuidado entre mulheres. Existem situações nas quais é possível recusar rótulos e representações impostas para construir outros quadros

de sentido, em defesa da autodefinição, da autonomia relacional e da amizade?

Quadro 1 – Quadro de análise de entrevistas a partir da leitura feminista de conceitos foucaultianos

Espacialidade heterotópica	Experiência heterotópica	Forma de contraconduta
Espaço reflexivo de experimentações ligadas aos usos e apropriações dos conhecimentos corporificados gerados no cotidiano.	Experiência de tematização e negociação da própria história e redefinição das condições de vulnerabilidade e dos contextos relacionais de existência.	Produção de relatos de si, revisão e reinvenção da disposição de acontecimentos marcantes da trajetória de vida.
Espaço e territorialidade de definição de conflitos e de possibilidades de identificação de fontes de autonomia relacional.	Experiência recíproca da identificação de matrizes sócio-históricas de opressão e localização da própria trajetória nessas composições.	Explicitação de conflitos mais amplos, envolvendo outras cenas políticas e outros atores que fazem parte da construção da autonomia política relacional das mulheres entrevistadas.
Espaço e territorialidade de definição de afetos, rememoração e consideração recíproca entre pesquisadora e pesquisadas.	Experiência de elaboração recíproca de um espaço de escuta e hospitalidade.	Construção conjunta de uma ética do cuidado de si e das outras a partir da definição de responsabilidades, da recusa de identidades impostas e da autodefinição recíproca.

Fonte: elaboração das autoras

Pensar as experiências heterotópicas no contexto de entrevistas envolve pensar as “espacializações do poder” e sua interrelação com os saberes inscritos no corpo e nas histórias das pessoas entrevistadas. Assim como as heterotopias não são definidas *a priori* como um espaço dado, nem como uma combinação única e permanente de elementos; os eixos de composição de desenho metodológico proposto acima auxiliam a mapear e investigar as qualidades heterotópicas dessa experiência de pesquisa compartilhada com as pessoas entrevistadas, a fim de dar conta das redes de poder (assimetrias, diferenças, vulnerabilidades) que perpassam as historicidades tanto dos processos estudados como do próprio trabalho de campo.

5 CONSIDERAÇÕES

O contato com as pesquisas conduzidas por Rago (2013), Almeida (2022), Ramkrapes (2017) e Carneiro (2023) revelou como a apropriação feminista do

pensamento de Foucault resulta na criação de percursos metodológicos nos quais as entrevistas se destacam como formas de resistência aos modelos majoritários de acomodação da experiência, oferecendo condições afetivas, políticas e sociais para a transformação das vulnerabilidades e para a conquista da autonomia relacional. Foucault (2019) define a experiência transformadora como a coragem de agir para alterar as condições de opressão a partir de arranjos que envolvem um processo de auto-criação permanente. O próprio Foucault (2013) menciona que uma experiência transformadora pode produzir uma heterotopia, sobretudo se concebida como um trabalho, uma operação incessante de busca por novas rotas, desvios, coexistências, justaposições e criações de passagens, travessias, atalhos inesperados, impensados, não controlados por esquemas preconcebidos de constrangimento.

Em diálogo com Braga (2018), é possível caracterizar a situação de entrevista como um episódio interacional definido por operações comunicacionais que envolvem características e encaminhamentos que exigem dos participantes uma reciprocidade voltada para a manutenção ou ruptura das trocas. Na entrevista nada está definido de antemão, mas requer disponibilidade para o encontro e para as negociações entre diferenças. A situação comunicacional da entrevista pode dar origem a experiências heterotópicas que surgem das tentativas de produzir desvios de normas e transformações de condutas que são consideradas como opressoras. Ainda que o episódio interacional da entrevista não seja isento de relações de poder e assimetrias, acreditamos que seus arranjos internos interagem com processos historicamente transversais que, aproximados, dão origem a um jogo tentativo de cocriação, ajuste e invenção social.

A proposta que elaboramos na tabela 1, ao articular as espacialidades heterotópicas, as experiências heterotópicas e as formas de contraconduta auxiliam a compreender como a prática interacional da entrevista é tentativa e envolve a negociação de um espaço (físico e simbólico) de diálogo, a abertura a experiências que deslocam saberes prévios e o compromisso de produzir operações intersubjetivas que dependem de “desvios menores ou maiores, reinvenções, desvios, enfim, de tudo o necessário para ajustar uma metodologia adequada para o conhecimento comunicacional dos processos práticos de invenção social acionados para enfrentar os desafios da vida em comum” (Braga, 2018, p.16). Assim, as três variáveis que

propomos configuram, no episódio interacional gerado pela entrevista, espaços, experiências e saberes criados em conjunto por entrevistador(a) e entrevistados (as). Sempre lembrando que é o jogo entre perguntas e respostas que produz a realidade a ser analisada e, por isso, as operações comunicacionais da entrevista são sempre arranjos tentativos e atuam como gestos que redefinem a estrutura do dispositivo reflexivo que orienta a elaboração recíproca de narrativas. Tais narrativas partilhadas e partilháveis não apenas explicitam saberes que norteiam contracondutas, mas também configuram, no próprio contexto de diálogo, práticas que transformam os cuidados consigo e com os outros.

Sob esse viés, é possível dizer que as entrevistas podem gerar vínculos comunicativos e experiências heterotópicas que permitem aos entrevistados existir para além dos lugares e das temporalidades que lhes foram designados. Entendemos que as heterotopias são fruto de experiências de contraconduta ligadas às novas relações espaciais e simbólicas que emergem da reelaboração dos laços sociais e das formas de interdependência, nos quais saberes, poderes e espaços interferem no modo como os sujeitos definem seus modos de existir; criando linguagens e materialidades que só existem pela invenção experimental de uma vida.

Argumentamos que a entrevista pode criar arranjos heterotópicos como forma de potencializar uma experiência política e estética que abre a possibilidade de produzir uma forma de vida baseada no cuidado de si e dos outros, distinguindo-se das práticas disciplinares de controle. Uma experiência heterotópica é fruto de uma agência contínua de sujeitos e grupos que produzem arranjos capazes de oferecer respostas a urgências, a situações de risco que, ao ameaçarem suas existências e saberes, requerem a coragem de arriscar uma transformação. Nesses arranjos contínuos de experimentação, ao mesmo tempo em que os sujeitos criam novas alianças e gambiarras, preservam articulações historicamente situadas entre saberes tradicionais, memórias e identificações associadas a múltiplos tempos e espaços.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Mariléa de. **Devir quilomba: antiracismo, afeto e política nas relações de mulheres quilombolas**. São Paulo: Ed. Elefante, 2022.
- BASTALICH, Wendy. Reading Foucault: Genealogy and Social Science Research Methodology and Ethics, **Sociological Research Online**, Volume 14, Issue 2, 2009, p.1-10. Disponível em: <http://www.socresonline.org.uk/14/2/3.html>. Acesso em 15 jan.2026.
- BRAGA, José Luiz. Interagindo com Foucault: os arranjos disposicionais e a comunicação. **Questões Transversais**, São Leopoldo, Brasil, v. 6, n. 12, 2018, p.1-21. Disponível em: <https://revistas.unisinus.br/index.php/questoes/article/view/18081>. Acesso em 15 jan.2026.
- CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- DUARTE, André; CESAR, Maria Rita. Foucault e o pensamento-escritura como experiência transformadora de si e dos outros. In: RODRIGUES, Heliana; PORTOCARRERO, Vera; VEIGA-NETO, Alfredo. (Orgs.). **Michel Foucault e os saberes do Homem**. 1ed.Curitiba: Editora Prismas, 2016, v. 1, p. 341-360.
- FONSECA, Márcio Alves da. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: EDUC, 2003.
- FOUCAULT, Michel. Les techniques de soi. In: DEFERT, Daniel; EWALD, François; LAGRANGE, Jacques. **Dits et écrits**. 1954-1988. Paris: Gallimard, 1984, p. 783-813.
- FOUCAULT, Michel. Of other spaces. **Diacritics**, Baltimore, v. 16, n. 1, 1986, p.22-27. <https://doi.org/10.2307/464648>
- FOUCAULT, Michel. Friendship as a way of life. In: **Ethics: subjectivity and truth**, v.I (Ed. Paul Rabinow). New York: The new Press, 1997, p.135-156.
- FOUCAULT, Michel. Poder e Saber. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Ditos e Escritos IV**, Estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1977] 2003, p. 223-240.
- FOUCAULT, Michel. Sobre os inquéritos do GIP. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Ditos e Escritos IV**, Estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1977] 2025, p.1-35.
- FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: FOUCAULT, M. **Ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 264-287.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2009.
- FOUCAULT, Michel; DEFERT, Daniel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: N-1 Edições, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **O enigma da revolta**. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

GUTTING, Gary. Foucault's Philosophy of Experience. **Boundary**, n.2, v.29, 2002, p.69-85.
<https://doi.org/10.1215/01903659-29-2-69>

IONTA, Marilda. Derivas da escrita de si. In: RESENDE, Haroldo de (org.). **Michel Foucault: política, pensamento e ação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p.147-162.

IONTA, Marilda. Das amigadas femininas e feministas. In: RAGO, Margareth; GALLO, Sílvia (orgs.). **Michel Foucault e as insurreições: é inútil revoltar-se?** São Paulo: Intermeios, 2017, p.375-386.

JOHNSON, Peter. The Geographies of Heterotopia. **Geography Compass**, vol. 7, n.11, 2013, p. 790-803. <https://doi.org/10.1111/gec3.12079>

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas: Unicamp, 2013.

RAMKRAPES, Carolina. **Histórias do movimento feminista no Ceará**: Célia Zanetti, Rosa da Fonseca e Maria Luiza Fontenele. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas, 2017.

SWAIN, Tania Navarro. Liberdade. RESENDE, Haroldo de (org.). **Michel Foucault: política, pensamento e ação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p.223-230.

Original recebido em: 31 de março de 2026

Aceito para publicação em: 13 de setembro de 2026

Laura Adler Lara de Oliveira

Mestranda em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM/Fafich) da Universidade Federal de Minas Gerais apoiada por bolsa da CAPES. Graduada, também pela UFMG, em Jornalismo. Atualmente trabalha como Assessora de Comunicação/Social Média na Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão de Minas Gerais.

Ângela Cristina Salgueiro Marques

Doutora em Comunicação Social pela UFMG e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da mesma instituição. Tem pós-doutorado pela Universidade Stendhal/Grenoble 3, no Instituto de Comunicação e Mídias. É pesquisadora bolsista do CNPq com projetos elaborados na interface entre Comunicação, Filosofia e Ciência Política.



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional